Uma conversa sobre a feminilidade no processo histórico

Profa. Ma. Cynthia Maria Valente (NEMED-UFPR/ PPGHIS-UFPR)[86]

Profa. Dra. Elaine Cristina Senko (NEMED-UFPR/UNIOESTE)[87]

Resumo: No presente artigo apresentamos um debate acerca do papel da mulher como produtora de conhecimento e aliada do poder através do tempo. Analisamos fontes da época tardo-antiga que estendem ao medievo e possuem ecos ainda nas obras literárias da modernidade/contemporaneidade. Nota-se a postura insubmissa dos exemplos das mulheres elencadas, seja pela história ou através do subtexto da literatura, possibilitando um outro olhar sobre o entendimento da feminilidade do passado. Portanto, esse estudo contribui para os estudos de gênero que devem resgatar a posição das mulheres lutando por seus direitos de formas diversas desde tempos mais antigos do que a contemporaneidade aponta.

Palavras-chave: Mulheres; Feminilidade; Gênero; História; Literatura.

A conversation about femininity in the historical process

Abstract: In this article we present a debate about the role of women as producers of knowledge and allied power over time. We analyze sources of Late-Ancient times extending to the Middle Ages and have still echoes in the literary works of Modernity/ Contemporaneity. It stands the unyielding stance of examples of women listed, either by history or by literature subtext, allowing another look at the understanding of femininity of the past. Therefore, this study contributes to gender studies to rescue the position of women fighting for their rights in various forms since ancient times than the contemporary points.

Keywords: Women; Womanhood; Gender; History; Literature.

---

[86] Professora Mestra em História Tardo-Antiga pela Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED UFPR).
[87] Professora Doutora em História Medieval pela Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED UFPR). Pesquisadora da relação entre História e Literatura do Laboratório de História Intelectual da UNIOESTE-campus Marechal Cândido Rondon-PR. Professora convidada da Pós-Graduação em História da UNIPAR – campus de Francisco Beltrão-PR.

O papel da mulher no tempo há muito já se distanciou da concepção de mera observadora dos movimentos e ações, aonde via sempre a História passar por uma janela. A ideia "quadrada" de que a história pertence aos homens, é algo ultrapassado na historiografia. A discussão acerca da verdadeira História das mulheres permeia a academia de forma aguerrida , desde pelo menos a década de sessenta do século XX, época de manifestações dos direitos civis nos EUA. E justamente devido a isso é nesse país onde a produção historiográfica feminina e acerca do papel desempenhado pela mulher na história tem seu campo mais desenvolvido.

O saber científico enquanto uma atividade masculina, foi algo desenvolvido durante muito tempo, a história dos heróis e de atos protagonizados por homens esteve presente durante bastante tempo. Sobre isso a historiadora Bonnie Smith argumenta que:

> A erudição objetiva também tinha sido codificada como masculina por meio do estudo de textos clássicos que imprimiram a imagem do erudito e herói na mente dos adolescentes (SMITH, 2003,p. 178).

Não nos cabe nesse trabalho um debate historiográfico sobre a história das mulheres, mas as considerações acima se tornam pertinentes já que para explicarmos aqui acerca do papel feminino ao longo das transformações dos períodos que propomos precisamos compreender porque em sua maioria o que nos chegou foram produções de homens e não de mulheres.

Nesse sentido explicitaremos alguns exemplos de como as mulheres participaram da história por dentro da política de Roma e após, nas monarquias romano-barbaras. Mesmo em certa medida, as mulheres foram obedientes à uma autoridade masculina, mas essa não foi a regra. Houveram várias exceções, mulheres que influenciaram direta e indiretamente desde a família até o governo. Foram os agentes principais de rusgas e guerras, escritoras , viajantes e superioras de monastérios. Começaremos a abordar essas participações femininas na sociedade romana e tardo antiga, "passeando" um pouco pelos reino Visigodo e Franco.

A autora Melanie Wolfram, afirma no seu trabalho intitulado *A Mulher Cristã na Antiguidade Tardia,entre fontes documentais e epigrafia,* que, como a história das mulheres por ser, em sua maioria escrita por homens, pode ser mais uma representação escrita e analisada sob o viés masculino, do que verdadeiramente o que foi a atuação real dela. O período histórico conhecido como Antiguidade Tardia que se origina na crise do

Império Romano do século III, foi um período de grandes transformações religiosas, culturais e sociais. A formação das monarquias romanos-bárbaros e o avanço do cristianismo pelo Ocidente, impulsionaram as mudanças no papel desempenhado pelas mulheres nesse espaço.

Durante a Antiguidade Clássica, Roma era uma sociedade patriarcal, mesmo os poderes se concentrando essencialmente nas mãos do homem, o papel da mulher não podia ser generalizado como subserviente. No período conhecido como a República, as mulheres obtiveram avanços com a supressão de leis relativas à vestimentas, heranças e matrimônio (FURLANI, 2013, p. 303). A mulher de Roma, não pode ser generalizada como um ser apático que não participasse da movimentação da História, pois:

> As mulheres romanas, mesmo em finais da República, participavam de banquetes e reuniões sociais importantes. De modo diverso das gregas, tinham o direito de propriedade e podiam até mesmo fundar negócios e, futuramente mosteiros (FURLANI, 2013, p.304).

A mulher romana influenciou diretamente e indiretamente políticos, embora por lei não pudesse assumir cargos públicos. E, embora mesmo que através do crivo e da escrita masculina, muitas mulheres romanas deixaram sua marca na história.

Na Antiguidade Tardia, o papel feminino estava atrelado à definição e interpretação que o cristianismo fez da mulher. Segundo a historiadora MélanieWolfram, as fontes tardo antigas nos mostram três tipos de mulheres, as mais abastadas financeiramente, que tornavam-se benfeitoras, apadrinhando a comunidade mais pobre, mosteiros e Igrejas, as monjas e as que sofriam martírio (WOLFRAM, 2012, p. 652). Podemos observar nos três casos, que a mulher está ligada de alguma forma ao cristianismo.

Na *Hispania* tardo antiga, no período do reino Visigodo de Toledo, os assuntos pertinentes ao reino e à Igreja, eram decididos nos Concílios. Nesses concílios não observamos a presença de nenhum membro feminino da Igreja, embora ali fossem decididas normas de conduta para as mulheres dentro do Reino. Membros da Igreja preocuparam-se desde cedo a promover e incentivar uma conduta feminina que se assemelhasse à figura de Maria, sua simplicidade, devoção e pureza eram consideradas ideais para o sexo feminino, esse já muito atrelado à noção do pecado original.

Os Padres da Igreja, em especial Agostinho de Hipona, buscavam a castidade como forma de se aproximarem dos ideais de Cristo. Isso se deve muito ao ideal asceta de simplicidade e castidade, muito difundidos dentro do cristianismo nos primeiros séculos do seu fortalecimento. Ao memso tempo, quanto mais a Igreja fortalecia a imagem de Maria, mais ela aconselhava as mulheres a se espelharem na Santa. O culto da mariologia contribuiu muito para que nesse período tardo antigo a mulher ideal, diferentemente da mulher romana em que seu papel no lar caracterizava o estereótipo feminino, fosse deslocado para um imaginário feminino do celibato. Esse era um destino para as virgens que se isolavam da sociedade nos mosteiros (seja no período tardo-antigo como no medieval).

A proliferação dos mosteiros dentro do reino toledano, provocou a preocupação de membros do clero que acabaram por definir regras de conduta para seus membros. Os monacatos também poderiam ser femininos, com regras diferentes, exemplo disso é o que consta na obra do bispo Leandro de Sevilha. A chamada *Regula Leandri*, foi escrita na última década do século VI por Leandro para sua irmã Florentina, esta que tinha feito seus votos monacais. O bispo sevilhano organizou nessa obra uma série de normas de conduta no que serviram para orientar as monjas no ambiente monástico. Podemos verificar na leitura dessa obra que há um tema principal que norteia o comportamento monacal que é a questão da virgindade. O estado virginal é defendido já na introdução da *Regula* e trata a virgindade como patrimônio (REGULA LEANDRI, 1948, p. 23). Na introdução ele dialoga com a irmã à respeito de valores ascéticos como renúncia aos bens materiais, afastamento da sociedade e principalmente a manutenção da virgindade:

> Leandro de Sevilha, em sua argumentação em favor do estado virginal, apresentou privilégios a serem adquiridos por essas ascetas: as monjas adiantariam para si a glória da incorruptibilidade do corpo reservada após a morte; Maria, a *Dux* das virgens, intercederia em seus benefícios (...) (BORGONDINO, 2013, p. 135).

Na *Regula*, o bispo Leandro ainda orienta o comportamento da irmã Florentina com a sua superiora de nome Túrtura. Aqui cabe observar que a mulher alcançava o cargo superior do Monastério, o que seria conhecido mais tarde como Abadessa, embora essa e outras obras consideradas regras ou precursoras de regras monacais fossem escritas por homens, cabia à uma mulher administrar e liderar o monastério feminino.

Compreende-se o porquê de muitas mulheres fugirem ou sairem de livre vontade fazer os votos monacais, pois o mosteiro era um dos raros espaços onde ela poderia fugir totalmente do julgo masculino, de uma viuvez ou de um casamento contra a vontade. Além disso, o cargo de Superiora de um Mosteiro era o mais alto que as mulheres conseguiram chegar dentro da hierarquia da Igreja. Porém, membros femininos não apareciam presidindo os Concilios e nem redigindo suas Atas, tampouco registravam escritos de teor dogmático e legislativo no período tardo antigo.

A negação do estereótipo de submissão e invisibilidade estão presentes ainda nesse período da história tardo-antiga como na medieval. Ao escrevermos sobre a participação feminina em produções literárias e de saber, não podemos deixar de falar sobre a alexandrina Hipátia, personagem que viveu entre o fim do século IV e início do V, e foi notável por sua erudição e sapiência. Hipátia ensinou matemática, filosofia e astronomia no mesmo centro onde seu pai Theon ensinava, a Escola Platônica de Alexandria. Seus inventos e discussões aparecem nas fontes do bispo Sinésio de Cirene, que como ex-aluno, travou uma correspondência significativa com ela em procura de conselhos sobre suas dúvidas. Vejamos,

> Desde pequena estudou com o pai, e também filosofia e matemática, na universidade. Aluna brilhante, mais tarde ajudou o pai com os volumosos escritos sobre Euclides e Porfírio. Depois de lecionar na cidade por longo período, no ano de 400 ela foi reconhecida como responsável pelos estudos neoplatônicos. Alunos de todos os cantos do mundo queriam assistir as suas aulas. Além de sua inteligência fulguramte, sua eloquência e rara beleza eram notáveis. Uma lenda em seu tempo (VRETTOS, 2005, p. 253).

A morte de Hipátia marcou um período muito atribulado no Oriente, com conflitos entre cristãos e pagãos, em que templos pagãos foram incendiados e a violência urbana crescia com o aumento de embates físicos entre os dois grupos. Hipátia não era cristã, ela compartilhava do pensamento da escola Neo Platônica, além disso tinha amizade com o prefeito de Alexandria, Orestes, rival do bispo Cirilo de Alexandria. Hipátia acabou ficando no meio dos dois rivais, e numa ocasião que caminhava pelas ruas de Alexandria, foi seguida por um grupo de cristãos, sequestrada e torturada até a morte. Depois seus restos mortais foram jogados em uma fogueira. Hipátia acabou sendo vítima de um dos períodos mais conturbados da ascensão do cristianismo.

Concomitante dentro da *Hispania* havia uma produção literária que chegou aos nossos dias, que é a obra da peregrina *Egeria*. Essa mulher aparece em uma obra do século

VII do mongeValerio del Bierzo intitulada *Epistola de beatae Eitheriae laude,*nessa obra o monge caracteriza Egeria como um exemplo de virtude cristã, inclusive chamando-a de *beatissima sanctimonialis Egeria.* Valério narra o feito da viagem da virgem Egeria até a Terra Santa, exaltando seu espírito forte e resoluto (LÓPEZ, 2010, p. 8). Até então, Egeria era conhecida através da obra de outro autor, somente no século XIX, ao encontrarem um manuscrito do século XII que era uma cópia de um relato de viagem com os moldes daquele citado por Valério, é que tivemos contato com a fonte, se não original, a mais próxima dela (LÓPEZ, 2010, p. 10). Segundo a historiadora Rosa Maria Cid Lopez,

> En el caso de Egeria, destaca el hecho de ser la primera peregrina escritora, de lo que tampoco después disponemos de muchos ejemplos, ni siquiera de etapas más modernas; de ahí la importancia de su texto, sin olvidar que su obra constituye el primer libro de viajes escrito en la Península Ibérica (LÓPEZ, 2010, p. 12).

Devido ao predomínio masculino nos escritos produzidos no período tardo antigo, o relato de Egeria nos mostra que a ideia "quadrada" da figura feminina inexpressiva e em segundo plano é errônea, em que pese, fossem minorias em um mundo predominantemente masculino. Embora o ideal feminino de castidade e submissão vigorasse no período, pudemos perceber que essa ideia não é algo generalizado; saindo um pouco do ambiente eclesiástico, a história do Reino Visigodo de Toledo, nos dá conta de pelo menos duas mulheres que tiveram muita influência dentro do ambiente régio, ao ponto de serem apontadas como articuladoras de uma ruptura entre herdeiros. Seriam elas a rainha visigoda e ariana Gosvintha e sua neta princesa católica Igunda. Ambas tiveram papéis expressivos naquela foi considerada uma guerra civil dentro do reino de Leovigildo no século VI. O conflito armado que se instalou no reino entre 582 e 584, teve como motivação um disputa entre os dois herdeiros de Leovigildo, seus filhos Recaredo e Hermenegildo. Segundo o historiador Santiago Castellanos, a diplomacia teve muito a ver com o conflito, sendo responsável por suas origens, seu desenvolvimento e suas consequências (CASTELLANOS, 2007, p. 111).

Não discorreremos aqui sobre essa guerra civil, apenas apontaremos para o papel de rivais das duas mulheres. Gosvintha, rainha e esposa de Leovigildo era ariana assim como seu marido. Sua neta Ingunda, cristã ordotoxa, veio a tornar-se princesa ao se casar com um dos filhos do rei visigodo, Hermenegildo. O casamento se deu em 589, e a hostilidade entre avó e neta tomou conta do ambiente real, pois Gosvintha tentou de todas as formas a conversão da neta ao arianismo, essa irredutível em sua fé nicena

(VALENTE, 2014, p. 2-3).Segunda duas fontes do período, *Chronica* de Juan de Bíclaro e *Historia Francorum* de Gregório de Tours, a briga entre avó e neta foi substancial para o início do conflito (!). Sem ceder às pressões da rainha Gosvintha, Ingunda segue com o marido para o sul da Península para que ele tome lugar na administração dessa parte do reino, incumbência imposta pelo pai. Ao chegar em Sevilha, a princesa torna-se muito próxima do bispo Leandro, árduo defensor ortodoxo, e ambos serão responsáveis pela conversão à fé nicena do príncipe Hermenegildo, e o apoiarão na insurreição contra o pai, advogando para si os território do sul do reino.

Segundo Castellanos, Gregório de Tours e Juan de Bíclaro apresentam distintas explicações com relação ao todo do episódio da guerra, a narração de ambos convergem e é sobre a participação ativa da rainha Gosvintha no início do conflito (VALENTE, 2014, p. 114). Percebemos aqui a influência política e religiosa de duas mulheres em assuntos reais.

Saindo um pouco do reino Visigodo e entrando no reino Franco houve outra rainha tardo antiga de influência. A rainha cristã Clotilde, que casara com Clóvis , rei dos Francos. A conversão ao cristianismo niceno do rei deve-se muito à influência de sua rainha:"Segundo esse padrão, outras rainhas e princesas cristãs induziram ou seduziram seus maridos a se converterem, com a expectativa de que a eles se seguissem suas tropas e súditos" (MARTIN, 2014, p. 104).

Segue-se à Clotilde , a princesa Radegunda, casada com Clotário I, foi uma influente rainha cristã, que difundiu o culto niceno de maneira fervorosa, fundando monastérios e Igrejas. Radegunda, fugindo de um casamento infeliz, abandonou o marido e foi fazer seus votos monásticos no Monastério de Tours. Mulher de grande influência, depois mudou-se para Poitiers, onde fundou sua própria casa monástica. Sua influência conseguiu trazer um pedaço da relíquia da Cruz Santa de Constantinopla para Poitiers, onde desenvolveu o culto dessa peça considerada a verdadeira Cruz de Cristo. O curioso é que, Radegunda, além de ser um exemplo de mulher influente e de destaque no período, teve sua vida escrita não por um homem, o mais comum no período, mas por outra mulher. No século VII a religiosa Baudonivia, escreveu a hagiografia de Santa Radegunda, com isso comprovou a presença feminina em uma produção majoritariamente masculina, já que a maioria dos textos hagiográficos eram escritos por homens (WOLFRAM, 2012, p.649).

Essa ação da pena que a mulher executava através da escrita vai cada vez ganhando mais força tanto no Ocidente medieval tendo por ápice Christine de Pizan, no século XIV quanto no Oriente através do singular relato da Cruzada por Anna Comnena, XI. E a imagem dessa mulher? Se transformou desde a época tardo-antiga? No Ocidente do século X ao XII temos o fortalecimento do culto da mariologia, mas não apenas, temos na verdade uma sintonia entre dois modelos, esse que segue o exemplo de Maria (sua santidade, sua imagem de mãe sagrada) ao lado de um outro exemplo que ganha força nos séculos XIII e XIV o de Maria Madalena (uma ascensão de pecadora à redenção através da instituição do casamento). A Idade Moderna (XV-XVII) parece ter aceito essa origem pecadora da mulher que através do casamento poderia ser purificada. Fora tão forte essa ideologia de Madalena que nos foi recebido no Ocidente moderno e no início da contemporaneidade. Assim deslocou-se na modernidade do poder único da Igreja em decidir o comportamento das mulheres, das cortes ou não, através principalmente do casamento, para progressivamente adentrarmos o mesmo tabu em ambiente dito laico. O casamento ainda foi uma regra de "santificação" das mulheres nos séculos XVII, XVIII, XIX... Podemos ainda inferir que muitas mulheres ainda hoje pensam dessa forma, pois elas acham que precisam ser "santificadas" de suas origens bíblicas impuras através do casamento, do parto, do sucesso profissional, entre inúmeros outros. As mulheres ainda acham que são Madalenas que deveriam ser Marias. Enfim, vamos adentrar um segundo passo desse nosso texto: a visão sobre a mulher pela primeva literatura contemporânea e como isso tem ainda raízes com pensamentos/comportamentos tardo-antigos e medievais. Destarte, queremos compreender um processo histórico de comportamento feminino de rupturas, de continuidades e de modo algum de uma detratação do período mais longevo.

A compreensão da luta da mulher em nossa sociedade contemporânea depende do seu histórico não apenas recuado ao século XX, mas ao início de uma inspiração feminista ainda no século XVIII. Vamos perceber os sinais de uma luta feminista através da história e da literatura não apenas realizada por mulheres mas por homens também. Fato este que comprova a força da literatura em tentar mudar os rumos da história.

De uma sociedade européia desigual – em que também se transferia essa cultura ao nosso Brasil – as mulheres foram sendo sistematicamente silenciadas por uma cultura machista tradicional entre os séculos XVIII ao XIX. Porém observando historicamente atitudes contra essa submissão da mulher encontramos que tanto mulheres quanto homens

do meio erudito laico europeu tentavam romper os paradigmas. As mulheres tentavam se alçar de corretoras e editoras da clandestinidade intelectual a renomadas escritoras. Claro, essas mulheres usavam pseudônimos no início e depois foram reconhecidas em seu meio intelectual como fora dele, nas cortes. Neste estudo traremos para a discussão os seguintes autores europeus de três países já constituídos e diferentes mas com um objetivo em comum: exaltar o poder da feminilidade e dar início a algo que futuramente sabemos que se tornou ideias matrizes do movimento, já político, feminista. São eles e suas obras em análise: a inglesa Jane Austen (1775-1817) com *Orgulho e Preconceito* de 1813, o francês Honoré de Balzac (1799-1850) com *A mulher de trinta anos* de 1831/32 e o russo LievTolstói (1828-1910) com *Anna Kariênina* de 1877.

Nesse sentido faremos uma divisão para a análise histórica, primeiro observaremos os indícios sobre a feminilidade na obra de Jane Austen, e num segundo momento estudaremos esse mesmo objeto nas referidas obras de Balzac e Tolstói.

Jane Austen nasceu em Steventon (1775) na Inglaterra dentro de uma família de baixa nobreza e desde sua infância foi ensinada pelo próprio pai que uma mulher deveria ter um espírito de ironia mordaz. Fazia parte de uma sociedade interiorana que valorizava a tradição de tempos medievais e modernos, mas Jane se deslocava desse ideal. Jane Austen não se casou conforme suas sete irmãs fizeram e sua mãe tanto ansiava, mas deu muita alegria ao seu pai que incentivava sua erudição. Destacamos algo muito importante aqui, o seu pai, o reverendo George Austen, não desejava seguir os mesmos rumos de outros pais com suas filhas, pelo menos com Jane. Essa liberdade de Austen pai fez de Jane uma mulher independente e que lutou pelo direito das mulheres em decidirem se iriam mesmo se casar ou fazer qualquer outra coisa da vida. Desde sua adolescência lia e escrevia com avidez. Expunha seus escritos perante a família e amigos em casa e nos bailes sociais que freqüentavam. O estilo de Jane Austen é repleto de humor e sarcasmo, o que evidencia sua estratégia de quebra de modelos sociais anteriores em que nem mesmo as mulheres podiam ter desejos e vontades. Escalamos para o foco de estudo a obra clássica de Jane Austen *Orgulho e Preconceito* pois consideramos depois de uma prévia investigação que esta obra traz no personagem centro, Elizabeth, o alter ego da própria escritora incentivando suas leitoras a compreenderem o que é o poder de uma verdadeira mulher: sua sabedoria.

Vejamos, nos embates entre os personagens principais , hoje universalmente conhecidos, srta. Elizabeth e sr. Darcy, como nos é ensinado algo que já na obra de "As mil e uma noites" fora mostrado: Sherazade, personagem principal, se salva conseqüentemente da morte porque usa sua sabedoria. A mesma intenção ocorre com a personagem Elizabeth em que para se salvar de uma "morte social", digamos aqui a obrigação do casamento infeliz e submissão aos padrões sociais, usa como subterfúgio a sabedoria. Esse pensamento pode ser influência ou apenas analogia mas é importante como reflexão da estratégia literária que conversa com o contexto histórico. E isso é de fundamental importância pois Jane escreve suas histórias dentro do seu próprio contexto, são mulheres protagonistas que ensinam de maneira propedêutica as mulheres "reais" quais são suas armas para uma iminente sensação de revolução e libertação feminina. Essa libertação que não ocorrerá totalmente neste momento, mas sedimentarão importantes passos ao feminismo político pós *Bellé Époque.* Aqui mesmo que não se consiga fugir da instituição casamento é importante a mulher se colocar acima na relação, comandar mesmo que discretamente as ações dos maridos.

Dessa forma indicaremos alguns momentos em que a virtude da sabedoria é demonstrada na obra de Jane Austen*,* mas cientes que quase todas as personagens centrais de seus livros usaram do mesmo artifício intelectual. Vejamos uma das cenas em que o personagem Elizabeth está sozinha dentre estranhos na casa locada de Sr. Bingley e o tema da conversa é sobre a mulher naquela época ser prendada ou não:

> - A sua lista das prendas mais comuns – disse Darcy – é muito bem observada. A palavra é aplicada a muitas moças que só merecem por fazerem bolsinhas de malha ou forrarem biombos. Mas estou muito longe de concordar com você na sua avaliação das mulheres em geral. Não posso gabar-me de conhecer mais do que meia dúzia delas, entre todas as minhas relações, que sejam realmente prendadas.
>
> - Nem eu, com certeza – disse a srta.Bingley.
>
> - Então – observou Elizabeth -, a sua ideia de uma mulher prendada deve ser muito exigente.
>
> - Sim, é muito exigente.
>
> - Ah! Certamente – exclamou seu fiel assistente – nenhuma mulher pode ser considerada prendada se não superar em muito o que se costuma fazer. Deve ter um e conhecimento profundo da música , do canto, do desenho, da dança e dos ; idiomas modernos para merecer a qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir algo no modo de ser e na maneira de caminhar, no tom de voz, no trato e nas expressões, para que a palavra não seja merecida senão em parte.

> - Tudo isso ela deve ter – acrescentou Darcy -, e a tudo isso ela deve acrescentar algo mais especial: o cultivo da inteligência pelas amplas leituras (AUSTEN, 2012, p.259).

Observamos acima como o próprio personagem sr. Darcy convida as mulheres a cultivar a inteligência além da busca por ser prendada[88]. Sabemos que tal atitude deve ao fato de Darcy observar o que mais admira secretamente em Elizabeth, ou seja, uma mulher com altiva sabedoria. Pois que a sabedoria é transgressora das normas sociais e faz avançar a história em sociedade (como já vimos desde a história tardo-antiga, medieval, moderna...). Para compreender isso vamos observar um dos pensamentos de Elizabeth, considerado como já dissemos alter ego de Jane Austen em seu subtexto histórico de análise. Nessa cena já foi feito o pedido tradicional de casamento pelo sr. Collins e agora veremos a recusa de Elizabeth demonstrando como a mulher deveria agir nestes casos de negativa:

> [Elizabeth] – Posso garantir-lhe, senhor, que não tenho nenhuma pretensão a esse tipo de elegância que consiste em perturbar um homem de respeito. Prefiro receber o cumprimento de ser considerada sincera. Agradeço-lhe mil vezes pela honra que me fez com a sua proposta, mas para mim é absolutamente impossível aceitá-la. Meus sentimentos me impedem de fazer isso. Posso falar mais francamente? Não pense que eu seja uma mulher elegante com intenções de atiçá-lo, mas uma criatura racional que fala do fundo do coração (AUSTEN, 2012, p.302).

Diante do exposto acima vimos como o personagem de Elizabeth age diante de um pedido de casamento sem amor: dissuadiu a situação e colocou a racionalidade perante suas escolhas mas sem se esquecer dos sentimentos. Esse é o aspecto central do que é a feminilidade antes de se tornar uma luta feminista por direito: a liberdade de escolha é em sua suma a libertação da mulher, mas uma mulher com sentimentos, ou seja, como fora apontado acima uma “criatura racional que fala do fundo do coração” [89]. Por isso,

---

[88] Sobre o assunto da feminilidade indico a seguinte entrevista à querida Marcella Lopes Guimarães sobre o nosso Clube do Livro em seu blog: http://literistorias.blogspot.com.br/2016/08/um-clube-do-livro-em-marechal-candido.html (Acesso em 26/08/2016).

[89] Indicamos dois filmes aqui: “Orgulho e Preconceito” (França/Reino Unido/EUA, 2005) “Becoming Jane” (Reino Unido, 2007). Nesse mesmo sentido apontamos também os seguintes livros: AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Martin Claret, 2012; RADCLIFFE, Ann. **Los misterios de Udolfo**. Traducción de Carlos José Costas Solano. Valdemar: ePub, 1992; BRONTE, Charlotte. **Jane Eyre**. Edição Bilíngue (português-inglês). Tradução de Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2010; DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2013; DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011; MORAN, Caitlin. **Como ser mulher**. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Editora Paralela, 2011; MASSIE, Robert K**. Catarina, a Grande: retrato de uma mulher.** Tradução de Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2011; JOHNSON, Celia Blue. **Conversando com Mrs. Dalloway**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013; BUARQUE, Chico. **Budapeste.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Elizabeth escolherá um homem ideal para compartilhar sua intelectualidade e assim manter o amor, o sr. Darcy.

Sabemos que na obra de Jane Austen existe o pano de fundo idílico do campo em detrimento da cidade, que as mulheres são diferentes mas sentem de forma universal, que a inteligência deve ser aliada do coração e que devemos ser extremamente humanos mas com o olhar irônico sobre a vida. Nesse sentido vamos nos encaminhando para observar como os homens eruditos, cada um a sua maneira também, Balzac e Tolstói, estudavam o sentido de feminilidade em suas obras.

Ao mesmo tempo em que Jane Austen produzia suas obras com forte sentido de feminilidade, Balzac e depois dele, Tolstói, buscaram reforçar a importância da mulher em suas sociedades. Dialogaram enfim com algo que a própria Austen iniciara: o destaque para as ações das mulheres em suas narrativas[90]. Honoré de Balzac, nasceu em Tours na França em 1799, portanto após a Revolução Francesa, vivendo as mudanças em sua sociedade mais laica, porém não menos tradicional quanto aos valores da nobreza de raízes medievais e modernas. Em sua obra da fase adulta “A mulher de trinta anos” (1831/32) Balzac defenderá os ideias que Jane Austen já prenunciara: a libertação da mulher e a sua escolha diante do casamento. Para Balzac, um homem erudito francês, a mulher deveria encarar a situação da instituição matrimônio como um aspecto apenas social e não emocional. Inclusive o casamento seria uma fase de amadurecimento da mulher e não o fim de algo feito à revelia. Como Austen, Balzac trará, mas agora para dentro da história, o papel do pai que ao mesmo tempo que defende a liberdade de escolha de sua filha, a aconselha em se casar com que realmente pode lhe trazer o bem. Note-se abaixo o conselho do pai (este o alter ego de Balzac) para a sua filha Júlia:

> - Pois bem, minha filha, escuta-me. As moças sonham muitas vezes com uns seres nobres e encantadores, criaturas perfeitamente ideais, e assim forjam umas quiméricas fantasias acerca dos homens, dos sentimentos e do mundo; depois, elas atribuem inocentemente a um caráter as perfeições com que sonharam, e nele confiam; elas amam no homem da sua escolha esse ente imaginário; porém, mais tarde, quando já não podem fugir à desgraça, a aparência enganadora que elas embelezaram, o seu primeiro ídolo, enfim, muda-se num esqueleto odioso. Júlia, eu preferia que amasse um velho a ver-te amar o coronel. Ah! Se pudesse adivinhar o que sucederá daqui a dez anos, farias justiça à minha experiência. Conheço Vitor: a sua alegria é sem espírito, alegria de caserna, não tem talento e é perdulário. É um desses homens que o céu criou para comer e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira

90 Tal como verificamos na obra de Stendhal “O Vermelho e o Negro”: STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

> que lhe aparece e bater-se. Não compreende a vida. O seu coração, porque o tem, levá-lo-á talvez a dar a bolsa a um desgraçado, a um camarada: porém é um indiferente, e não possui essa delicadeza de coração que nos torna escravos da felicidade duma mulher; é também ignorante, egoísta...Tem muitos defeitos (BALZAC, 2013, p.21).

Não tão enfático quanto Jane Austen em defender uma atitude aberta da mulher em escolher seu próprio destino, Balzac apresenta uma estratagema capcioso porém eficaz para as mulheres: o casamento com um homem mais maduro não oferecerá amor mas uma possibilidade de atuação da mulher. Como é esse pensamento balzaquiano? A mulher se situa dentro de um matrimônio tradicional para então deixar fluir suas vontades. Nisto difere um pouco de Austen, pois para a escritora inglesa a mulher não precisa aceitar a submissão pelo casamento tradicional podendo viver sozinha. Balzac parece vir no sentido de dar uma outra oportunidade dentro do movimento social para as mulheres: sejam livres, apesar de adentrarem a instituição casamento porque talvez um amor juvenil possa levar a conseqüências desastrosas para a imagem da mulher tal como veremos mais adiante na obra selecionada de Tolstói. Júlia, o personagem feminino em Balzac, deveria seguir os preditos do pai/autor: ser uma mulher quando tiveres trinta anos no auge de sua maturidade sabendo que ter e alçar algo não é apenas uma atitude isolada mas ao lado de alguém que lhe reconheça pois você a nutriu com felicidade. O poder da mulher de trinta anos para Balzac é sua felicidade, essa virtude é que deve ser premissa e uso constante para alcançar algo. Mas não uma felicidade vã, uma felicidade sábia. E aí estamos numa definição do sentido de feminilidade para Balzac, o de uma feminilidade com uso da felicidade arguta e audaz. Esta é então uma aproximação balzaquiana com Austen (a mulher deve ter, independente se utiliza do casamento como artifício institucional como Balzac ou depende da liberdade de escolha como para Austen) a feminilidade utilizada pela mulher com alegre sabedoria. Estamos no estágio, então, da mulher rompendo paradigmas tradicionais com o uso de demonstração pública de sua inteligência mas de um modo alegre, pleno, como o de uma madura mulher de trinta anos.

Estamos registrando nesse estudo como a mulher poderia defender sua liberdade com feminilidade (o uso da sensibilidade com a razão) sem estar submetida aos padrões tradicionais vigentes na Europa contemporânea de tentar frear as ações das mulheres.Pois bem, culmina todo esse esforço de demonstrar as mulheres seu verdadeiro poder da feminilidade e sua arguta audácia com a obra escrita por LievTolstói baseada em uma história real, a de *Anna Kariênina*. Liev Nikoláievitch Tolstói nasceu em 1828 na Iásnaia Poliana, área rural da Rússia e depois viveu um longo período em Moscou. Tolstói

refletiu em suas obras a política czarista, os ideias existenciais da felicidade e da morte, sobre o cristianismo ortodoxo e sua negação a ela, e a própria sociedade russa. Para escrever *Anna Kariênina,* Tolstói foi tomado pela notícia de um evento real, conforme Rubens Figueiredo nos informa:

> Seu intuito era escrever um romance sobre a época em que Pedro I foi o imperador da Rússia, entre 1682 e 1725. Porém, por mais numerosos e minuciosos que fossem os seus conhecimentos sobre a vida naquele tempo, por mais que forçasse a mão a escrever, as não páginas não o convenciam. Os personagens que esboçava não ganhavam vida em sua mente. Após tentativas obstinadas, Tolstói desistiu do projeto. Nessa crise, veio-lhe à memória um fato ocorrido, em 1872. Um vizinho de Tolstói e seu parceiro de caçadas, chamado Bíbikov, vivia com uma mulher de nome Anna, que se tornara sua amante. Aos poucos, ele a abandonou em troca da preceptora alemã de seus filhos, com quem tinha, até, intenção de casar-se. Em desespero, Anna recolheu alguns pertences, vagou pelo campo durante três dias e, por fim, jogou-se debaixo de um trem. Antes, redigiu um bilhete para Bíbikov: "Você é meu assassino. Seja feliz, se um assassino puder ser feliz. Pode vir ver o meu cadáver, nos trilhos da estação de Iássenki, se quiser" (FIGUEIREDO, 2013, p.7-8).

Como vimos, Tolstói lança mão de uma pesquisa de uma realidade próxima para abordar em sua literatura o tema da mulher em sua sociedade, mesmo que usando de um outro enredo literário. O referido autor russo avança o sentido de feminilidade de Austen (liberdade de escolha) e debate até que ponto a mulher deve ser balzaquiana (usar o matrimônio como amadurecimento). Para Rubens Figueiredo[91]:

> Na soma de tudo, a tônica de Anna Kariênina é uma crise que se generaliza. Os padrões de linguagem literária, a forma narrativa, os modelos de convívio social, as convicções íntimas – tudo converge para uma só crise. Por isso, ao contrapor a desgraça do casal adúltero à sobrevida do casal legítimo, Anna Kariênina está longe de se encerrar com uma simples imagem de felicidade conjugal e doméstica. Nas últimas páginas, tal imagem é sutilmente desestabilizada por prenúncios de um inferno, que tomará forma clara em livros posteriores de Tolstói, como A morte de Ivan Ilitch, Sonata a Kreutzer, Padre Sérgio e Ressurreição. Nas passagens finais de Anna Kariênina, Liévin, seu protagonista, que faz a figura do buscador da verdade, chega à desoladora conclusão de nada haver solucionado. Para enfrentar o futuro inescapável, pois até o suicídio lhe é vedado, ele tem por único esteio e consolo a fé mais rudimentar de um mujique. A epígrafe de Anna Kariênina, extraída da Bíblia [De mim virá a vingança, e também a recompensa. Deuteronômio], fala em vingança e recompensa. No entanto, as famílias felizes e as infelizes, que a primeira frase do romance [Todas as famílias felizes se parecem, casa família infeliz é infeliz à sua maneira] contrapõe em tom taxativo, chegam ao fim do livro com as suas diferenças bem mais nuançadas (FIGUEIREDO, 2013, p.12).

O autor Tolstói que se encaminha do século XIX ao começo do século XX inspira-se no comportamento de uma mulher que entrega sua vida perante um homem e

91 Também Liévin, aquele que busca a verdade, traz a essência do papel humano do historiador.

que tem um fim atroz. A história produzida por Tolstói possui elementos de análise esclarecedores: Anna Kariênina casou-se de forma tradicional com um oficial do governo, Aleksiei, e inicia também um romance com o jovem Vrónski. Apesar da sociedade conhecer a ação de Anna, inicialmente o que nos chama a atenção é a permissão velada de Aleksiei com o romance extra institucional como um devaneio da esposa. Apenas ao longo da narrativa vemos Aleksiei endurecendo suas atitudes com Anna, e Tolstói culpa muito a religiosidade nesse sentido. Podemos refletir que Tolstói desejava que o personagem de Anna e as mulheres de sua época tivessem essa liberdade. Porém o autor ressaltará os perigos de uma mulher se entregar a um romance sem prudência. Tolstói parece aglutinar o espírito independente de Elizabeth de Jane Austen com as orientações de Balzac para as mulheres de trinta anos, pois Anna Kariênina tem espírito livre e é madura, porém corre sempre o risco como as outras do amor libertino fora da instituição casamento. Vamos verificar o seguinte trecho:

> O cocheiro de Kariênina, um tártaro velho e gordo, de casaco de couro lustroso, controlava com dificuldade o cavalo cinzento da esquerda, que, gelado com a friagem, empinava no pátio de entrada. O lacaio estava imóvel, e segurava aberta a portinhola da carruagem. O porteiro estava imóvel, e segurava aberta a porta de saída. Anna, com a mãozinha ligeira, desembaraçava a renda da manga que se prendera no colchete do seu manto e, com a cabeça inclinada, ouvia com admiração o que dizia Vrónski, que a acompanhava.
>
> - A senhora nada declarou: e, convenhamos, eu também nada exijo – dizia ele. – Mas a senhora sabe que não preciso de amizade. Para mim, só é possível uma felicidade nesta vida, aquela palavra que a senhora tanto detesta...sim, amor...
>
> - Amor...-repetiu Anna, devagar, com a voz voltada para dentro e, de repente, no instante em que desembaraçou a renda, acrescentou: - Não gosto dessa palavra porque, para mim, tem um significado enorme, muito maior do que o senhor pode imaginar. – E lançou um olhar para o rosto dele. – Até a vista!
>
> Estendeu-lhe a mão, passou pelo porteiro com passos rápidos e ágeis e desapareceu no interior da carruagem.
>
> O olhar de Anna e o toque de sua mão o puseram em chamas. Vrónski beijou a palma da própria mão no local em que Anna tocara e seguiu para casa, com a feliz consciência de que, naquela noite, ele se aproximara do seu objetivo mais do que nos dois meses anteriores (TOLSTÓI, 2013, p.149-150).

Acima vimos às intenções de sedução de Vrónski e a reação feminina. Darão certo, porém no caminho dessa conquista acontecerá o ponto focal de nossa análise do feminino nessa narrativa de Tolstói: a reação de Aleksiei e sua rendição perante a felicidade do espírito livre e sabedoria madura de Anna:

> Aleksiei não era ciumento. O ciúme, segundo sua convicção, insultava a esposa, na qual devia ter toda a confiança. Por que se devia ter confiança, ou seja, uma segurança absoluta de que sua jovem esposa sempre o amaria, isso ele não se perguntava; mas não experimentava suspeitas, porque tinha confiança, e dizia a si mesmo que assim estava correto. Agora, porém, apesar de não se ter abalado a sua convicção de que o ciúme era um sentimento vergonhoso e de que era preciso ter confiança, ele sentia estar face a face com algo ilógico e incoerente e não sabia o que devia fazer. Aleksiei estava face a face com a vida, diante da possibilidade do amor de sua mulher por alguém que não ele, e isso lhe parecia muito incoerente e incompreensível, porque era a vida real. Aleksiei passara toda a sua existência a trabalhar nas esferas da administração pública, onde só lidava com os reflexos da vida. Toda vez que esbarrava com a vida real, ele a rechaçava. Agora experimentava uma sensação semelhante à de alguém que atravessa com tranqüilidade uma ponte sobre um precipício e de repente se dá conta de que a ponte foi desmontada e que em seu lugar há uma voragem. A voragem era a vida real; a ponte, aquela vida artificial que Aleksiei levava. Pela primeira vez, lhe ocorreu a questão da possibilidade de sua esposa vir a amar um outro, e se apavorou com isso (TOLSTÓI, 2013, p.151).

A abertura de pensamento do personagem de Aleksiei em considerar as ações de sua mulher importantes não apenas para sua imagem num olhar mais tradicional mas como se afetariam os sentimentos entre ambos é o importante na cena acima. O medo de Aleksiei em Anna amar um outrem é sentido duramente. Por isso Anna, o personagem principal dessa narrativa, é exaltada em sua liberdade de escolha pois ela tem inteligência suficiente para saber o seu próprio valor. Aleksiei revela o pensamento de sua própria sociedade refletindo sobre as ações das mulheres (Não pode uma mulher, em sociedade, conversar com quem quiser?) e o impacto da postura feminina (Além do mais, ter ciúmes significa rebaixar a mim e a ela). Tolstói, portanto, sinaliza novos tempos em que a mulher ganhava a liberdade de escolha e que poderia usar de sua feminilidade com maturidade e sabedoria. Digno de observação de como Tolstói nos traz claramente, através da literatura, a subjetividade dessa mudança histórica de consciência social através do comportamento.

Epílogo da conversa entre duas pesquisadoras

O debate historiográfico acerca do papel da mulher na história e o espaço destinado às historiadoras dentro da academia, teve impacto fundamental na compreensão de vários momentos históricos. Discussões acerca de gênero, permeiam o ambiente acadêmico levando mais luz ao papel que desempenha a mulher na história. Percebemos que em sua maioria, as fontes escritas que nos chegam da Antiguidade Clássica e do período Tardo Antigo e Medieval, foram em sua maioria produzidas por homens. No entanto maioria não é totalmente, e esses fragmentos de história que nos chegaram sobre a influência feminina nas relações de poder, tanto de Roma, quanto da Igreja e dos reinos

romano bárbaros, são significativas para nos mostrar que o papel feminino foge do estereótipo de isolamento e submissão. Atrativo tanto para o medievo quanto para a modernidade, a luta da mulher por sua autonomia diante e dentro da instituição casamento se prolongará em debates contemporâneos. Portanto, nesse epílogo, pontuamos um debate acerca do processo em que a mulher se transformou psicossocialmente, em que a feminilidade fez parte de uma luta que ainda viria a ser política em meados do século XX. Mas também devemos salientar que o futuro da questão pode nos levar a uma distopia feminista já indicada na obra de *A história da aia* de Margaret Atwood[92], na qual demonstra-se a ditadura das mulheres. A feminilidade que os eruditos/as apresentados defendiam ao longo da história era o justo lugar da mulher em sociedade, mulher esta que deveria prezar pela felicidade do espírito livre e utilizar-se de uma sabedoria madura.

Fontes:

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BALZAC, Honoré de. **A mulher de trinta anos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANOS. Edición José Vives.Madrid: CSIC, Instituto Enrique Florez, 1963.

HISPALENSIS, Leandro. **El De institutione virginum de S. Leandro de Sevilla com diez capítulos y médio inéditos**. Ed.A.C.S. Vega. L'Escorial: Typis Augustinianis Monasterii Escurialensis, 1948.

SEVILLA, Isidoro de. **Regula Sancti Patris Isidori Episcopi**. Edición J.Campos. Madrid: BAC,1970.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**.São Paulo: Cosac Naify, 2013.

[92] Observação indicada pela querida Clarice Lottermann. ATWOOD, Margaret. **A história da aia**. São Paulo: Marco Zero, 1987. Sentimento literário próximo ao conjunto de obras de Stieg Larsson: LARSSON, Stieg. **Os homens que não amavam as mulheres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; LARSSON, Stieg. **A menina que brincava com fogo**.São Paulo: Companhia das Letras, 2009; LARSSON, Stieg**. A rainha do castelo de ar**.São Paulo: Companhia das Letras, 2009; e da continuidade de David Lagercrantz: LAGERCRANTZ, David. **A garota na teia de aranha.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Referências:

ATWOOD, Margaret. **A história da aia**. São Paulo: Marco Zero, 1987.

AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BORGONDINO, B.U.A superiora e o corpo das virgens na regra monástica de Leandro de Sevilha (590-600) In: **A Igreja em construção: poder e discurso cristão na Alta Idade Média (séculos IV-VII).** Rio de Janeiro: PEM, 2013.

_____. A integridade do corpo da virgem no discurso da Regula Leandri. In: **II Encontro Estadual de Estudos Medievais do Rio Grande do Sul. Atas-Práticas e Saberes no Medievo.** São Leopoldo: Oikos, 2013.

BRONTE, Charlotte. **Jane Eyre**. Edição Bilíngue (português-inglês). Tradução de Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2010.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, P & DUBY, G. **História da Vida Privada do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 225-280.

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CABECEIRA,A.C.da S. **A vida de Hipácia de Alexandria***:* Representações de Gênero na Antiguidade Tardia. Monografia: UNB, Brasília, 2014.

CARDINI,F. **Cristiani, perseguitati e persecutori**.Roma: Salerno Editrici,2011.

CASTELLANOS, S. **Los Godos y la Cruz. Recaredo y la Unidad de Spania**.Madrid: Alianza Editorial,2007.

CASTRO,Ma.R.V. **Ideología, Simbolismo y Ejercício del poder real em la Monarquia Visigoda:** Un Proceso de Cambio. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FIGUEIREDO, Rubens. Duas famílias em uma só. In: TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina.** São Paulo: Cosac Naify, 2013, pp.7-12.

FREISENBRUCH,A. **As primeiras-damas de Roma**. As mulheres por trás dos Césares. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FRIGHETTO,R. **A comunidade vence o indivíduo***:* A regra monástica de Isidoro de Sevilha (século VII).Curitiba:Prismas, 2016.

_____. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: **Atas da VII Semana de Estudos Medievais**. Por uma longa duração: Perspectivas dos estudos medievais no Brasil. Brasília: Casa das Musas, 2009.

FURLANI,J.C. Reflexões sobre a História Social das mulheres na Antiguidade Tardia: o caso das devotas cristãs. **Cadernos de Clio**, Curitiba, n. 4, p. 295-313, 2013.

JOHNSON, Celia Blue. **Conversando com Mrs. Dalloway**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

LAGERCRANTZ, David. **A garota na teia de aranha.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARSSON, Stieg. **Os homens que não amavam as mulheres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LARSSON, Stieg. **A menina que brincava com fogo**.São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LARSSON, Stieg**. A rainha do castelo de ar.**São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LÓPEZ,R.M.C. Egeria, peregrina y aventureira. Relato de um viaje a Tierra santa em el siglo IV. **Arenal**, v.17, n.1, p. 5-31,en.-jun.,2010.

MARTIN ,M. **O mundo cristão.** Uma História global. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MASSIE, Robert K. **Catarina, a Grande: retrato de uma mulher.** Tradução de Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

MORAN, Caitlin. **Como ser mulher.** Tradução de Ana Ban. São Paulo: Editora Paralela, 2011.

RADCLIFFE, Ann. **Los misterios de Udolfo.** Traducción de Carlos José Costas Solano. Valdemar: ePub, 1992.

SCOTT, J . História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 63-95.

SENKO, E. C.; GUIMARÃES, M. L. Clube do Livro. In: http://literistorias.blogspot.com.br/2016/08/um-clube-do-livro-em-marechal-candido.html (Acesso em 26/08/2016).

SMITH,B.G. **Gênero e História***:* homens, mulheres e a prática histórica. Bauru: EDUSC, 2003.

STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

VALENTE,C. O papel da ecclesia na legitimação do Rex Visigothorum Recaredo e da desconstrução de imagem de Hermenegildo. III Encontro da Abrem Centro-Oeste e I Seminário Internacional de História Medieval, 2014. In: https://www.academia.edu/19909541 (Acesso em 07/11/2016).

VRETTOS,T. Alexandria. **A cidade do pensamento ocidental**.São Paulo:Odysseus, 2005.

WOLFRAM,M. **A mulher cristã na Antiguidade Tardia entre fontes documentais e epigrafia.** Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2012.